

“NOTAS DE DIDÁTICA DA GEOGRAFIA”, POR ELOÍSA DE CARVALHO (1960): SOBRE O USO DE ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

Gabriele Barbosa Luiz

Universidade Estadual Paulista, campus de Ourinhos, SP, Brasil

E-mail: gabriele.barbosa@unesp.br

Márcia Cristina de Oliveira Mello

Universidade Estadual Paulista, campus de Ourinhos, SP, Brasil

E-mail: marcia.mello@unesp.br

Resumo

Um importante momento histórico da Geografia escolar no Brasil foi marcado pelas propostas de inovações pedagógicas vindas da Escola Nova, com destaque para as metodologias de ensino ativas. Algumas orientações sobre a Didática da Geografia, no contexto escolanovista, foram escritas por Eloísa de Carvalho, quando atuava no então Conselho Nacional de Geografia (CNG), em 1960. Naquele momento, foram recomendadas técnicas e recursos de ensino destacados enquanto elementos mediadores do processo de ensino-aprendizagem. A técnica da observação direta sobre a natureza foi considerada fundamental para a compreensão da geografia local. Assim, a pesquisa aqui apresentada teve como objetivos destacar quais orientações metodológicas foram destinadas aos professores de Geografia, contidas no texto “Notas de Didática da Geografia”, escrito por Eloísa de Carvalho, em 1960; compreender as orientações escolanovistas sobre os métodos de ensino em Geografia; e detalhar a técnica da observação direta. Para tais propósitos utilizou-se de fontes documentais, tais como relatórios e cartas da época que foram analisados à luz da bibliografia especializada em ensino e ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Didática da Geografia; Escola Nova.

“DIDACTIC NOTES ON GEOGRAPHY”, BY ELOÍSA DE CARVALHO (1960): ABOUT THE USE OF EXTRACURRICULAR ACTIVITIES

Abstract

An important historical moment in the teaching of Geography in Brazil was marked by proposals for pedagogical innovations coming from the New School, with emphasis on active teaching methodologies. Some guidelines on the Didactics of Geography, in the new school context, were written by Eloísa de Carvalho, when she worked for the National Council of Geography (CNG), in 1960. At that time, teaching techniques and resources were recommended, highlighted as mediating elements in the teaching-learning process. The technique of direct observation on nature was considered fundamental for the understanding of local Geography. Thus, the research presented here had as objectives to highlight which methodological orientations were intended for Geography teachers, contained in the text "Notas de Didática da Geografia", written by Eloísa de Carvalho, in 1960; to understand the new-school orientations about teaching methods in Geography; and to detail the technique of direct observation. For such purposes, documentary sources were used, such as reports and letters from the time, which were analyzed in the light of the Geography teaching specialized bibliography.

Key words: Teaching of Geography; Didactics of Geography; New School.

“NOTAS DE DIDÁTICA DA GEOGRAFIA”, POR ELOÍSA DE CARVALHO (1960): SOBRE EL USO DE ACTIVIDADES EXTRACURRICULARES

Resumen

Un importante momento histórico de la Geografía escolar en Brasil estuvo marcado por las propuestas de innovaciones pedagógicas oriundas de la Escuela Nueva, con destaque para las metodologías de enseñanza activas. Algunas orientaciones sobre la Didáctica de la Geografía, en el contexto escolanovista, fueron escritas por Eloísa de Carvalho, cuando actuaba en el entonces Conselho Nacional de Geografia (CNG), en 1960. En aquel momento, se recomendaron técnicas y recursos de enseñanza destacados mientras elementos mediadores del proceso de enseñanza-aprendizaje. La técnica de la observación directa sobre la naturaleza se consideró fundamental para la comprensión de la Geografía local. De ahí que la investigación aquí presentada tuvo como objetivos subrayar cuáles orientaciones metodológicas se destinaron a los profesores de Geografía, contenidas en el texto “Notas de Didática da Geografia”, escrito por Eloísa de Carvalho, em 1960; comprender las orientaciones escolanovistas sobre los métodos de enseñanza en Geografía; y detallar la técnica de la observación directa. Para tales efectos se utilizaron fuentes documentales, como informes y cartas de la época, las cuales fueron analizadas a la luz de la bibliografía especializada en didáctica y enseñanza de la Geografía.

Palabras-clave: Enseñanza de Geografía; Didáctica de la Geografía; Escuela Nueva.

Introdução

Abordam-se aspectos do ensino de Geografia, no contexto da Escola Nova, incluindo a relação entre a “Geografia moderna” e os princípios escolanovistas. Como objetivos buscamos destacar quais orientações metodológicas foram destinadas aos professores de Geografia, contidas no texto “Notas de Didática da Geografia”, escrita por Eloísa de Carvalho (1960); compreender as orientações escolanovistas sobre os métodos de ensino em Geografia; e detalhar a técnica da observação direta.

O estudo foi desenvolvido na [instituição de pesquisa suprimida para avaliação], [local da pesquisa suprimido para avaliação], no curso de Geografia, entre os anos de 2020 e 2021, junto ao Núcleo de Pesquisa [suprimido para avaliação], com auxílio da [agência de fomento suprimida para avaliação].

A investigação consistiu em pesquisa bibliográfica e documental. O estudo documental se deu por meio de seleção de fontes primárias e secundárias identificadas e recuperadas nos acervos da Universidade de São Paulo (USP), cujos temas se aproximam do ensino e ensino de Geografia, incluindo os artigos publicados no *Boletim Geográfico* e na *Revista brasileira de Geografia*. Ocorreu a localização e tabulação dos dados sobre as técnicas de ensino e os recursos didáticos indicados para uso na escola secundária, com foco nas atividades extracurriculares, coletados perante a análise sobre artigos, manuscritos produzidos pelos *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 45, v. 1, p. 61-76, jan-abr/2023*.

sujeitos da época e os relatórios do período.

Para o relato de aspectos da vida e da obra de Eloísa de Carvalho [1918?-?] foram utilizadas as cartas dos arquivos da extinta Universidade Nacional de Filosofia (UNFi) localizadas no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Eloísa de Carvalho foi filha do então oficial do exército capitão José Batista de Carvalho, Geógrafa, professora de Geografia, tornou-se uma pesquisadora e técnica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo enviada para a França, junto ao “Institut de Géographie de Faculte de Lettres” da Sorbonne, e Strasbourg, Lyon, Grenoble e Montpellier, com o intuito de obter o seu aperfeiçoamento profissional. Formou-se na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, na seção de Geografia e História. Assumiu o cargo de chefe da seção de estudos sistemáticos no então Conselho Nacional de Geografia (CNG), no ano de 1960, de onde escreveu as orientações sobre a Didática da Geografia, no contexto escolanovista.

A professora Eloísa de Carvalho participou da elaboração do mapeamento das expedições geográficas do IBGE em 1944 e 1950 (CARVALHO, 1943; ABRANGES, 2014). Teve publicado em 1960 o livro *Geografia do Brasil: roteiro de uma viagem*, organizado em co-autoria com Antonio Teixeira Guerra (1924-1968). Além disso, teve textos publicados na *Revista Brasileira de Geografia*, intitulados “A produção agrícola no Brasil”, em 1959, em co-autoria com Hilda da Silva; e “A lavadeira” e “Favelas”, publicados em 1948 e disponibilizados na seção “Tipos e aspectos do Brasil”.

Por estas razões, torna-se importante compreender a contribuição da professora Eloísa de Carvalho e suas orientações para o desenvolvimento das atividades extracurriculares.

Desenvolvimento

Nas primeiras décadas do século XX houve a divulgação dos preceitos da Escola Nova no Brasil, “[...] abarca o período entre 1911 e a década de 1930 [...]”. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 21). Na mesma época, tivemos a influência da recém-criada Geografia “moderna” no país e sua articulação com a Pedagogia científica, sucedendo a institucionalização de uma Geografia acadêmica, com a finalidade de formar professores para o então ensino secundário. Foram introduzidas novas concepções sobre a sociedade, o

homem, a criança, o aluno, o ensino e a aprendizagem. Por meio da Pedagogia ativa, as atividades geográficas extracurriculares, as técnicas de ensino e os recursos didáticos eram destacados como determinantes no processo de aprendizagem, o que se acreditava que poderia impulsionar a atividade reflexiva pelos alunos.

O professor Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980) trouxe inovações quanto as orientações destinadas aos professores incluindo as abordagens dos conteúdos e metodologias de ensino. Ele foi ampliando, a partir de seu manual de ensino *Methodologia do ensino geographico*: introdução aos estudos de Geographia moderna, as possibilidades de usos das representações gráficas; da observação sistemática; da orientação pelo professor do local ou objeto a ser representado; da leitura de mapas; de figuras ou gráficos; do diagrama; do cartograma; do estereograma; e da visualização efetiva dos acidentes geográficos ou a visualização das representações sólidas; além dos recursos auxiliares como o mapa e do texto geográfico. Era indicado também o método de ensino por meio dos círculos concêntricos, partindo do grau de complexidade menor até o mais alto, na presença dos assuntos mais próximos a realidade do aluno e ampliando o aprendizado para a escala global (CARVALHO, 1925).

Além de Delgado de Carvalho - legítimo representante da Didática da Escola Nova - Antonio Firmino de Proença (1880-1946) e João Toledo (1879-1941) debruçavam-se sobre a questão da escolha de métodos e técnicas de ensino ativos para o ensino de Geografia. Eles estabeleciam orientações, dentre tantas outras, voltadas para a observação dos acidentes geográficos ao redor da escola e em forma de excursão, operando como uma síntese da vida, assim como a visualização do pátio, em tabuleiro de areia e chão de terra. A busca pela participação ativa do aluno deveria estar associada a averiguação da integração dos elementos físicos, humanos e culturais da sociedade. O centro de interesse estava nas formas de imaginação, simbolização e representação que os alunos traziam, associando essas práticas a realidade. Até mesmo, defendiam o método de concentração, contendo o agrupamento dos assuntos que tivessem relações entre si e estudando-os em conjunto, com o auxílio da ilustração de lugares, natureza, vida social, localização nos mapas e fixado através de exercícios cartográficos (PROENÇA, 1928; TOLEDO, 1930).

De acordo com Santos (2005) Carvalho, Proença e Toledo avançaram quanto a forma de se ensinar Geografia à época e criticavam o seu ensino “tradicional”, revelando ser um erro iniciar o estudo pela análise da sala de aula, sem considerar a relação com a realidade, transformando assim a aula de Geografia em uma aula de linguagem, contendo apenas os

termos abstratos e as simbologias.

O aprendizado, assim, deveria se dar de forma prática, na qual os alunos deveriam interagir com os materiais que levavam ao conhecimento e com a natureza [...] deveria se dar sempre através do concreto, da participação ativa do aluno observando a natureza ou através da manipulação de materiais auxiliares do ensino. (SANTOS, 2005, p. 109).

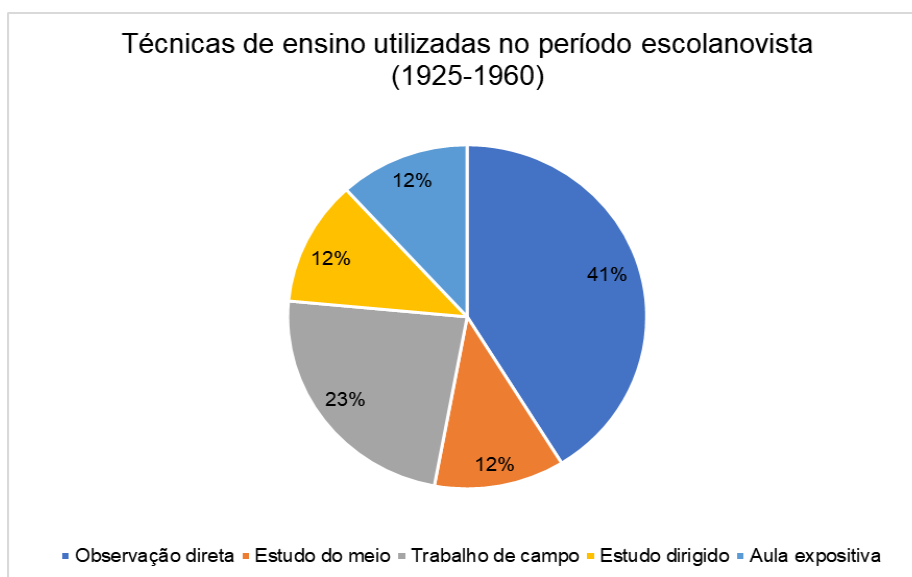
Neste contexto, as atividades geográficas extracurriculares - aquelas aplicadas antes ou depois das atividades da sala de aula, em ambiente externo a ela - foram destacadas enquanto elementos importantes para uso no ensino secundário. Dentre elas, a observação direta, a observação indireta, o registro, a confecção de sumários e sinopses geográficas. Tais atividades extracurriculares poderiam incentivar a descoberta da realidade imediata pelo aluno, ampliar a aquisição do vocabulário técnico-geográfico, o pensamento reflexivo, a solução de problemas geográficos, e a expressão autônoma do pensamento, motivando as atividades discentes.

Antes de detalhar a técnica da observação direta, investigamos quais foram as técnicas de ensino e os recursos didáticos mais citados pelos professores, como utilizados por eles na escola secundária brasileira, do início do século XX até a década de 1960.

Para tanto, consideramos os artigos publicados no *Boletim Geográfico*, elencados e organizados por Prêve (1989). Observamos também a análise da produção sobre os manuais de ensino da época elaborada por Santos (2005), além de consultar os manuais de Carvalho (1925); Proença (1928); e Toledo (1930). As fontes documentais produzidas pelos sujeitos da época foram analisadas à luz da análise de Azambuja (2012), que reforçou os achados da pesquisa.

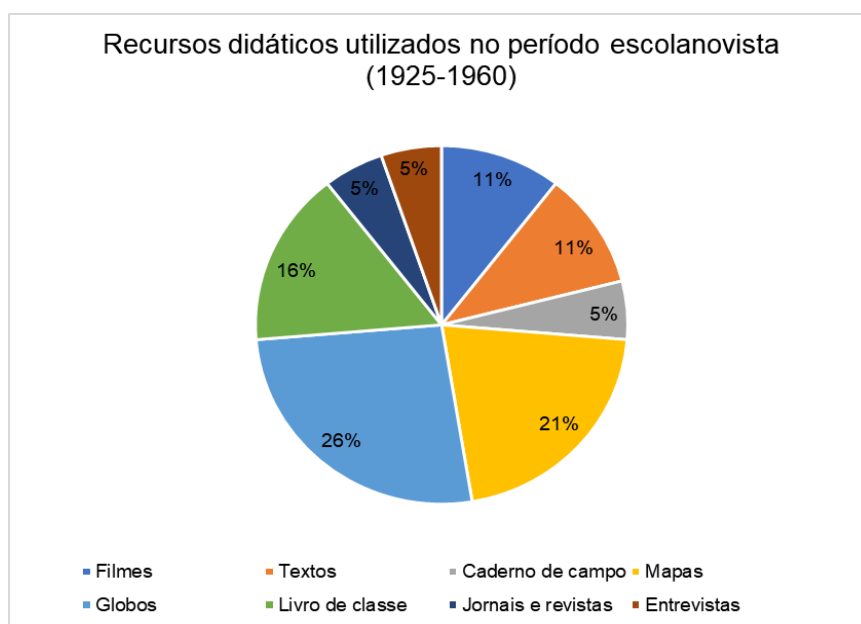
A seguir, apresentamos nas Figuras 01 e 02 a sistematização dos recursos didáticos e das técnicas de ensino mais utilizados no período escolanovista.

Figura 01. Técnicas de ensino utilizadas no período escolanovista (1925-1960)



Fonte: elaborada pelas autoras

Figura 02. Recursos didáticos utilizados no período escolanovista (1925-1960)



Fonte: elaborada pelas autoras

Por meio da figura 01, é possível observar que a técnica de ensino mais utilizada no período escolanovista foi a observação direta (41%), seguida pelo trabalho de campo (23%). Já as outras técnicas de ensino citadas como utilizadas na época incluem a aula expositiva (12%), o estudo dirigido (12%) e o estudo do meio (12%).

De acordo com a figura 02, os recursos didáticos mais utilizados no período escolanovista foram os globos (26%); em seguida apareceram os mapas (21%); o livro de *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 45, v. 1, p. 61-76, jan-abr/2023.*

“Notas de didática da geografia”, por Eloísa de Carvalho (1960): sobre o uso de atividades extracurriculares. Gabriele Barbosa Luiz; Márcia Cristina de Oliveira Mello

classe (16%); os textos; e os filmes (11%). Os jornais (5%), as revistas (5%) e as entrevistas (5%) foram citados como os menos utilizados na época.

A partir dos dados apresentados, buscamos compreender a relação entre as orientações destinadas aos professores quanto aos usos das técnicas e recursos didáticos no contexto escolanovista.

As orientações apontam para a necessidade de os professores desenvolverem práticas pedagógicas aproximadas aos ideais de protagonismo do aluno, introduzindo-o no mundo científico através de sua experiência cotidiana, considerando o conhecimento escolar multidisciplinar e significativo.

John Dewey (1934-2001) salientava o contato entre a teoria e a prática, tendo o educando como elemento central da aprendizagem. A essência pedagógica para a Escola Nova envolvia, portanto, a forma prática, o trabalho da criança na sala de aula e em atividades extracurriculares. Caberia ao professor encontrar estratégias didáticas para submeter os conteúdos a articulação da escola ao meio social, bem como a solidariedade, o serviço social e a cooperação.

O ensino deveria ser, então, uma atividade dirigida em concordância ao desenvolvimento natural, as etapas específicas de crescimento, as necessidades dos sujeitos e a concepção de mundo presente na vida nos alunos, considerando o tempo e o espaço escolar.

Segundo Castro (1967), a fundamentação psicológica das Ciências da Educação e a sua orientação sistemática representaram a base para se entender o desempenho escolar. Perante isso, o meio educativo pedagógico aderiu a criança como um modelo de ampliação para a sua investigação, marcado pela teoria piagetiana e a Pedagogia experimental.

Para Rocha (2000) a reforma Luiz Alves-Rocha trouxe as alterações na educação escolar brasileira, mediante a vertente de professores que estavam empenhados em renovar o ensino de Geografia. Posteriormente a reforma Luiz Alves, houve o novo programa de ensino de Geografia para a educação secundária do Colégio Pedro II no Brasil, em que adotou a orientação moderna difundida por Delgado de Carvalho.

Esta orientação “moderna” para o ensino de Geografia divulgada em nosso país se manteve viva - se nem sempre na prática pedagógica - pelo menos no campo teórico até os anos de 1970, quando foi substituída por novos contextos, problemas e proposições vinculadas a perspectiva da Pedagogia Tecnicista e a introdução da disciplina de Estudos Sociais no currículo das escolas.

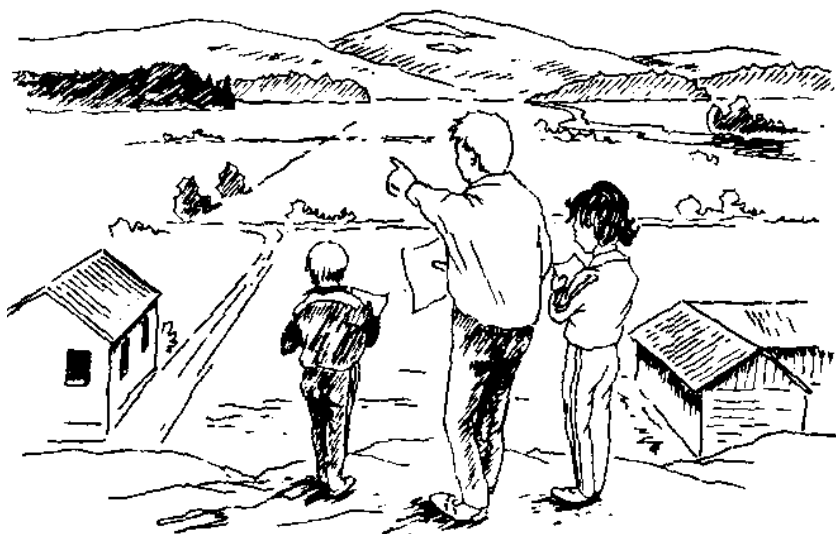
Desse modo, se não temos ainda hoje o encaminhamento didático pedagógico necessário ao contexto brasileiro para o ensino de Geografia, certamente temos muitas experiências de professores, escolas e instituições que se esforçaram para superar a tradição e o pacto secular e tradicional de se ensinar Geografia.

Como na década de 1940 o debate sobre a Escola Nova foi divulgado, especialmente pelos educadores escolanovistas com o intuito de “modernizar” o pensamento geográfico brasileiro, conseqüentemente refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem da Geografia, os periódicos como o *Boletim Geográfico* operaram enquanto veículos de divulgação das pesquisas geográficas e saberes necessários à prática docente. Entre os autores colaboradores do periódico estavam renomados geógrafos, técnicos e professores.

Préve (1989) favorece a discussão aqui apresentada, já que mostra um estudo do papel do *Boletim Geográfico*, no que se refere a Metodologia do ensino de Geografia, no período de 1943 a 1978, com destaque para a seção “Contribuição ao ensino”. Direcionado para a formação de alunos dinâmicos, muitas experiências relacionadas a Didática da Escola Nova e ao ensino de Geografia foram consideradas pelo periódico como bem-sucedidas e foram publicadas no *Boletim Geográfico*. Dentre elas, havia a técnica da observação direta - descrita por Eloísa de Carvalho.

Para a autora, uma das técnicas de ensino capazes de favorecer o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, frente aos seus objetivos seria a observação direta sobre a natureza. Tal processo era considerado fundamental para a compreensão da Geografia local, integrando o aluno ao seu meio, em uma constante sintonia entre natureza e sala de aula. O ambiente fora da sala de aula contribuía com a grande abrangência de materiais que poderiam ser utilizados no ensino. As figuras e os objetos faziam com que as crianças observassem e entendessem melhor a Geografia. Esta orientação é encontrada nas premissas de Antonio Firmino de Proença (1880-1946), quando indicava que o ensino deveria ter uma seqüência lógica dos fatos, partindo das particularidades que constituem o seu aspecto geral. A figura 03 representa a ideia da técnica da observação direta.

Figura 03. A técnica da observação direta



Fonte: ENSINO DE GEOGRAFIA (2017).

Também, Eloísa de Carvalho indicava aos professores alguns saberes metodológicos e princípios pedagógicos indispensáveis à prática docente da Geografia à época, que podem ser sintetizados pelas ideias de:

- sujeito ativo (piagetiano);
- estudo por investigação;
- estudo da realidade imediata do aluno;
- valorização primeiro da experiência, da observação direta, que deveriam anteceder o estudo de fenômenos e compreensões abstratas;
- uso de objetos e recursos didáticos;
- aplicação de técnicas de ensino consideradas enquanto elementos representativos do “novo” em educação.

O artigo “Notas de Didática da Geografia”, escrito por Eloísa de Carvalho, foi publicado no número 156, em 1960. Ele tem 17 páginas e é subdividido de acordo com os seguintes subtítulos, a saber: “I- Objetivos do ensino da Geografia”; “II- O material didático na Geografia”; “III- As técnicas do ensino geográfico nos cursos de grau médio”; “IV- O plano de aula”; “V- Apêndice e bibliografia geral”; e “VI- O estudo dirigido e a Geografia”. Nessas notas, de Didática a professora Eloísa reforça que os fatos geográficos estudados como resposta às condições de sua localização auxiliavam os alunos na compreensão dos diversos fenômenos geográficos que se passavam na superfície da Terra. Assim sendo, a “[...] noção do meio em que vive o aluno, baseada em uma explicação sumária do mesmo: a rua,

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 45, v. 1, p. 61-76, jan-abr/2023.

ISSN: 2176-5774

“Notas de didática da geografia”, por Eloísa de Carvalho (1960): sobre o uso de atividades extracurriculares. Gabriele Barbosa Luiz; Márcia Cristina de Oliveira Mello

o quarteirão, a fazenda, a praça, a vila etc.; depois, mais tarde, o município, o estado, o país, o continente.” (CARVALHO, 1960, p.454). Partindo da localidade, a ordem do estudo seguiria o analítico sintético, “Ir do todo às partes e depois reconstruir mentalmente o todo, relacionando entre si as diversas partes [...]”. (PROENÇA, 1928, p.40 apud SANTOS, 2005, p.84).

No processo educativo, durante o contexto escolanovista, Eloísa de Carvalho (1960) apresenta no texto em questão os recursos auxiliares do estudo da disciplina de Geografia, compostos pelas experiências, viagens, a solução inteligente de problemas de ordem física e os hábitos de ordenação do pensamento. Nisso, estava contido o entendimento de uma visão mais concreta e intensa dos temas, tornando a aprendizagem menos abstrata e penosa, economizando tempo e esforço. Existia uma necessidade em fazer com que a criança sentisse a vontade de mover-se, experimentar e conhecer as coisas. Com isso, era possível criar o estímulo na busca do maior conhecimento sobre o que seria ensinado em classe.

Havia a necessidade de favorecer um olhar histórico-geográfico sobre a paisagem, referente aos elementos testemunhos, os movimentos temporais e espaciais, os indicadores de transformações, as mudanças e as permanências, qualificando a leitura do espaço (AZAMBUJA, 2012). Dessa forma, a disciplina de Geografia contribuiria para favorecer com que os alunos entendessem o seu lugar imediato. A aquisição de uma base geográfica no curso secundário levaria o educando a compreender a influência da Geografia sobre as atividades sociais. O suporte em um ensino progressivo considerava um plano de curso e aula flexíveis, em que “[...] a iniciativa e o saber do mestre, as condições especiais da escola e dos alunos determinarão mudanças na ordem do aprendizado [...]”. (TOLEDO, 1930, p. 240 apud SANTOS, 2005, p. 102).

Contemplando a auto atividade reflexiva dos alunos, era indicado o estudo dirigido, para a assimilação dos conhecimentos, princípios, leis e problemas que necessitavam de demonstração ou prática, levando os educandos a descoberta ou explicação de certos fenômenos e a apresentação dos resultados. Nesse sentido, era enfatizado a utilização do livro de classe, constituídos de dados recentes, os progressos da ciência, as ilustrações, os resumos, os livros de texto de autores diferentes e os quadros sinóticos para a análise e discussão com os alunos. Veiga (2011) salientou a necessidade de os professores propiciarem os meios para a capacidade de interpretação de texto nos alunos, concedendo uma leitura crítica, criativa e autônoma.

A análise e o fichamento auxiliavam no desenvolvimento do método da crítica construtiva nos estudantes. O incentivo a leitura de jornais ou revistas possibilitavam a motivação no educando e a compreensão das inter-relações dos fenômenos físicos e humanos, despertando a apreensão das relações causais entre os fatos e representando a oportunidade de preparo para a vida e a formação da personalidade humana. O professor deveria atentar-se a fase que precedia o ensino por parte dos alunos, acrescentando uma sequência lógica dos fatos, com uma ordem a ser seguida. Os efeitos, as causas, as correlações, as revisões constantes da matéria e as recapitulações estariam presentes no método de ensino. Por outro lado, o texto funcionava como um guia, indicando o caminho a ser percorrido e sendo a base da argumentação. Atuava como uma fonte de informação, inspiração, estímulo e intérprete. Era impulsionado a reflexão, discussão e submissão dos alunos aos problemas em busca de respostas.

Já, sobre a aula expositiva, no período escolanovista, deixou de ser uma atividade predominante na sala de aula, priorizando a assimilação de novas técnicas de ensino voltadas para a atividade do aluno, que fornecessem aprendizagens substanciais para os sujeitos. Assim, eram incentivados os aspectos da inovação, criatividade, transformação e dinamização na execução do trabalho didático. Lopes (2011) aborda a utilização da aula expositiva dialogada como uma técnica de ensino que, poderia ser transformada em uma atividade dinâmica, participativa e estimuladora do pensamento crítico do aluno. Fazendo uso de ilustrações e exemplificações, “[...] quando a aula expositiva suscita perguntas, ela estimula o pensamento criador do aluno, sendo esta outra vantagem [...]”. (RAMOS; ROCHA, 1981, n.p apud LOPES, 2011, p.43). A prática educativa deveria estar aliada a prática social, objetivando a vinculação da técnica com o contexto social.

Os lugares correspondiam a base de estudo do trabalho de campo, com uma análise geográfica que assumia a leitura dos processos e das funções, determinando a visualização do movimento espacial e temporal nas relações socioespaciais. Incluídos nisso, estavam as metodologias problematizadoras e cooperativas em busca da definição de uma periodização, combinada ao recorte espacial ou temático da realidade. Utilizando um roteiro, a aula de campo permitia aos alunos a possibilidade de observar, entrevistar, conversar e coletar as informações no alcance de um diálogo com o espaço, tendo em vista as suas próprias referências. A análise visual feita pelo geógrafo em campo permitia a assimilação de elementos invisíveis a outros, colaborando para o entendimento de estruturas que somente a observação desvendava. Para a efetivação disso, além da observação direta, cuja técnica foi

conceituada anteriormente, havia também a observação indireta, que insistia na coleta de dados do terreno realizados por terceiros, constituído por mapas, fotos e vistas aéreas.

Claval (2013) menciona as convicções do trabalho de campo, indicando os seus primeiros teóricos no século XVIII. Nesse sentido, encontra-se o Alexander Von Humboldt (1769-1859). Ele foi um físico, naturalista, explorador e geógrafo, que acentuou a descoberta da especificidade das paisagens e a sua distribuição no espaço, colaborando para a evolução da Geografia no contexto escolanovista. Em sua concepção, acreditava que a realidade continha a forma de paisagens, persistindo a necessidade de apreender sobre a sua fisionomia de conjunto através das saídas de campo, proporcionando a oportunidade de captar a diferenciação qualitativa e as individualidades.

Segundo Azambuja (2012), a técnica do ensino interdisciplinar do estudo do meio apresentava o trabalho de campo como uma etapa importante de sua representação. A finalidade desse instrumento educacional era identificada mediante o propósito de crescimento e atualização do ser humano, com um grande valor informativo, que promovia o reconhecimento da realidade para dentro de si. Complementarmente, o planejamento da técnica estava situado na análise da educação ambiental, apoiados na interdisciplinaridade, buscando o desenvolvimento de uma consciência social em relação ao meio ambiente e optando pelo enfrentamento de problemas reais complexos. O empenho estaria direcionado para o condicionamento da interpenetração do método e conteúdo. Portanto, ocorria o esclarecimento da interação do homem com o mundo, assumindo os alunos como representantes dos grupos socioculturais existentes.

Na atualidade, as orientações didáticas para o ensino de Geografia aparecem com a capacidade de desenvolver o senso crítico na execução de uma leitura reflexiva do espaço. Isso pode ser desenvolvido a partir das experiências concretas, capazes de possibilitar aos alunos uma observação mais detalhada do espaço geográfico. Assim, é acentuado a continuidade da metodologia escolanovista. Existe ainda uma abordagem destinada a forma como o homem produz e organiza o espaço, resultando na maneira como ele se apropria do seu ambiente físico. As técnicas de ensino e os recursos didáticos escolanovistas permanecem sendo reproduzidos no ensino geográfico, com a expansão do projeto *Nós propomos*.

Lastória; Rosa et al (2021) reúnem os aspectos mais significativos das práticas educativas mais recentes, contidas no almanaque do projeto *Nós propomos! cidadania e inovação na educação geográfica*, realizado por diversas iniciativas, desenvolvidas em unidades escolares na região de Ribeirão Preto. Por meio delas, busca-se promover uma educação midiática, o

exercício da reflexão sobre a cidadania e o protagonismo juvenil dos estudantes. São privilegiados o professor mediador, as estratégias comunicacionais participativas e interativas. Uma das demonstrações inovadoras dessa aplicação no ensino de Geografia foi estipulada por Carvalho Filho; Gomes et al (2021), que em tempos de necessidade de isolamento social, adequaram o projeto *Nós propomos!* ao contexto de pandemia da covid-19, trazendo uma proposta do trabalho de campo no manejo das tecnologias digitais de informação e comunicação. Considerou-se a importância de olhar e interpretar a localidade, a partir dos seus agentes antrópicos, das suas problemáticas e modificações territoriais. Essas experiências do projeto *Nós propomos!* indicam que o pensamento de Eloísa de Carvalho, assim como de outros intelectuais de sua época, está vivo e atuante nas escolas, e com as devidas atualizações poderão balizar caminhos para o ensino de Geografia.

Outros exemplos podem ser encontrados em Tonini; Costella et al (2021), que trouxeram um movimento criador e criativo de produção e sistematização do conhecimento na área do ensino geográfico. As autoras trazem as revoluções alternativas no livro *Movimentos para ensinar Geografia*, que possibilitam ao educador repensar a continuidade e a renovação de suas ações, dialogando com os alunos acerca do mundo vivido, valorizando a busca da cidadania, refletindo a cotidianidade e o espaço-tempo nas salas de aula. A execução dessas características é encontrada na proposta de alternativa educacional esclarecida por Santos; Castrogiovanni (2021), que demonstram as possibilidades teórico-metodológicas entre o ensino de Geografia e o turismo no âmbito interdisciplinar, enquanto oportunidade de ensinar e entender o espaço geográfico pela apropriação dos objetos e das ações que compõe o patrimônio local. A leitura geográfica do turismo promove o desenvolvimento das subjetividades, contribuindo para a ressignificação das práticas sociais comunitárias das localidades e do território usado, para assim ser valorizado.

Trazendo as experiências concretas, torna-se mais significativo para o aluno a formulação dos conceitos e as formas de representação. O espaço vivenciado pelo aluno pode ser comparado em sua relação com os outros lugares, encarados como espaços desiguais, que estabelecem diferentes intensidades dos fluxos entre si, ressaltando as semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais. Diante a isso, o ensino de Geografia utiliza os elementos concretos e lúdicos para despertar nos alunos o interesse de aprender os conhecimentos, buscando a formação da consciência humana como cidadão do mundo e do espaço em que se habita.

Percebemos que Eloísa de Carvalho enfrentou obstáculos de início da carreira,

“Notas de didática da geografia”, por Eloísa de Carvalho (1960): sobre o uso de atividades extracurriculares. Gabriele Barbosa Luiz; Márcia Cristina de Oliveira Mello

mesmo assim, as suas orientações - presentes no texto analisado - estão manifestadas nas escolas até os dias atuais, evidenciando uma educadora que pensava para além do seu tempo, trazendo novas perspectivas para se pensar o ensino de Geografia e demonstrando a preocupação com o professor do então ensino secundário. É possível observar que em sua época as técnicas de ensino que mais se destacaram na escola secundária brasileira foram a observação direta e o trabalho de campo, enquanto que, entre os recursos didáticos predominavam os globos e os mapas.

Conforme o tempo foi avançando, esses materiais didáticos permaneceram difundidos enquanto elementos mediadores do processo de ensino-aprendizagem. Juntamente, os problemas locais ainda demandam o exercício da percepção e representação para o estudo do espaço geográfico. Além disso, com o passar das décadas houve uma progressão no estudo das localidades, inicialmente enfatizado a partir das excursões ou expedições geográficas.

Na atualidade, especialmente no pós pandemia as novidades podem envolver principalmente o trabalho de campo virtual, as aulas remotas de Geografia, as imagens de satélite, o recurso tecnológico do *Google Earth*, o uso do turismo e das tecnologias digitais de informação e comunicação nos projetos de práticas para o ensino. Para isso, é necessário especialmente a presença de laboratórios e salas com projeção multimídia nas escolas.

Entretanto, esse contexto é acompanhado por certas dificuldades de execução, como a resistência por parte das escolas e a ausência da infraestrutura necessária. Assim, quando for possível as saídas *in loco* é necessário a articulação entre as diferentes disciplinas do currículo e tempo de aulas suficiente para a execução das atividades extracurriculares. E para quando não for possível a saída, uma ideia válida para a aplicação do estudo geográfico seria o fornecimento de figuras, mapas e objetos que induzissem um cenário externo do cotidiano dos alunos, facilitando a observação e a compreensão dos conceitos abstratos.

Conclusões

Este texto propiciou destacar que Eloísa de Carvalho, em sua atuação como geógrafa, pesquisadora e técnica do IBGE, escreveu orientações sobre a Didática da Geografia representativas de uma época recente da história do ensino em nosso país. Essas orientações, envolvendo sobretudo os princípios da Escola Nova, com foco no uso das atividades geográficas extracurriculares, consideradas determinantes no processo de

“Notas de didática da geografia”, por Eloísa de Carvalho (1960): sobre o uso de atividades extracurriculares. Gabriele Barbosa Luiz; Márcia Cristina de Oliveira Mello

aprendizagem, quando se acreditava que isto poderia impulsionar a atividade reflexiva dos alunos, incluindo a ideia da descoberta da realidade imediata pelo aluno, fomentando o desenvolvimento de seu pensamento reflexivo.

Eloísa de Carvalho vivenciou, assim, a nova perspectiva de articulação entre a Geografia “moderna” e a Psicologia científica, reforçando os saberes metodológicos e princípios pedagógicos indispensáveis à prática docente da Geografia da época. Compreender as suas orientações pode nos auxiliar na busca de alternativas viáveis para os problemas do presente, quando as metodologias ativas estão novamente em foco.

Um exemplo disso seria o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, como a experiência em Serrana, relatada por Souza et al (2018), que proporcionou a implementação da interdisciplinaridade entre a Geografia e a Arte, durante a leitura do espaço. Desta forma, temos o trabalho da educação geográfica em redes e hierarquias urbanas, assim como é estabelecido no projeto *Nós Propomos!*.

Referências

ABRANTES, V. Era preciso redescobrir o Brasil: As expedições geográficas do IBGE entre as décadas de 1940 e 1960. **Revista da Rede Brasileira de história da Geografia e Geografia Histórica: Terra Brasilis (Nova Série)**, São Paulo, n. 3, p. 1-27, 2014.

ALBUQUERQUE, M. A. M. Dois momentos na história da Geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul./dez. 2011.

AZAMBUJA, L. D. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Revista GeoSul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 181-195, jul./dez. 2012.

CARVALHO, C. M. D. **Methodologia do ensino geographico**: introdução aos estudos de Geographia moderna. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.

CARVALHO, E. [**Carta enviada à Gustavo Capanema**]. Destinatário: Ministro da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 19 nov. 1943. 1 Carta. Disponível em: https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ARQ_GC_B&pasta=GC%20b%20Carvalho,%20E.&pagfis=2560. Acesso em: 05 abr. 2021.

_____. Contribuição ao ensino: Notas de Didática da Geografia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n. 156, ano 18, p. 454-491, mai./jun. 1960.

CARVALHO FILHO, O. R. et al. O Projeto *Nós Propomos!* No município de Ribeirão Preto. In: KAWASAKI, C. S. et al. (Org.). **Almanaque Projeto Nós Propomos!** Cidadania, escola e protagonismo juvenil. Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 2021. p. 27-40.

CLAVAL, P. O papel do trabalho de campo na Geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. Tradução de Giovanna Thomaz. Revisão de Patricia Reuillar (UFRGS). **Revista franco-brasileira de geografia**, São Paulo, n. 17, p. 1-25. 2013.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 45, v. 1, p. 61-76, jan-abr/2023.

ISSN: 2176-5774

“Notas de didática da geografia”, por Eloísa de Carvalho (1960): sobre o uso de atividades extracurriculares. Gabriele Barbosa Luiz; Márcia Cristina de Oliveira Mello

ENSINO DE GEOGRAFIA. Trabalho Campo – 1. 2017. Disponível em: <<https://megtpf17.blogspot.com/2017/02/trabalho-campo.html>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

LOPES, A. O. Aula expositiva: superando o tradicional. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** 21. ed. Campinas: Papyrus, 2011. p. 37-50.

PRÉVE, O. S. D. **A participação do Boletim Geográfico do IBGE na produção da metodologia do ensino da Geografia.** 1989. 326 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

PROENÇA, A. F. **Como se ensina Geographia.** São Paulo Melhoramentos, [1928].

ROCHA, G. O. R. Delgado de Carvalho e a orientação moderna no ensino da Geografia escolar brasileira. **Revista da Rede Brasileira de história da Geografia e Geografia Histórica: Terra Brasilis (Nova Série)**, São Paulo, n. 1, p. 1-19, 2000.

SANTOS, F. A. S. **A escola nova e a prescrição destinadas ao ensino da disciplina de Geografia da escola primária de São Paulo no início do século XX.** 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

SANTOS, J. R. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. Ensino de Geografia e Turismo: aproximações e/ou distanciamentos. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.). **Movimentos para ensinar geografia: revoluções.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. p. 99-113.

SOUZA, S. S. et al. O Projeto *Nós Propomos!* Em Serrana-SP: As ruas da cidade como espaços para a educação cidadã. In: KAWASAKI, C. S. et al. (Org.). **Almanaque Projeto Nós Propomos! Cidadania, Escola e Protagonismo juvenil.** Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 2021. p. 54-64.

TOLEDO, J. **Didactica:** nas escolas primárias. São Paulo: Livraria Liberdade, 1930.

TONINI, I. M.; COSTELLA, R. Z. et al. **Movimentos para ensinar Geografia: revoluções.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. (v. 5).

VEIGA, I. P. A. Na sala de aula: o estudo dirigido. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** 21. ed. Campinas: Papyrus, 2011. p. 69-92.

Agradecimentos

Agradecemos a FAPESP pelos auxílios destinados ao desenvolvimento desta pesquisa. (Processos n. 2019/24054-9 e n. 2020/13528-7).

Recebido em: janeiro de 2022

Aceito em: março de 2023